BOTAFALA: COMPONDO A CANÇÃO “DESCOLONIZAÇÃO (DER LEONE HAVE SEPT CABEÇAS)”

Eugenio da Silva Evandeco [1], Marcos Carvalho Lopes [2]

RESUMO

O botAfala é um projeto de extensão e pesquisa que usa o hip-hop como linguagem para compor uma educação democrática, ou seja, que procure desenvolver uma perspectiva de recontextualização, valorizando os contextos e as práticas de conhecimento locais. Este projeto é desenvolvido no Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sem São Francisco do Conde na Bahia, espaço de grande riqueza cultural que se articula com encruzilhada de neste sentido procurando, com isso, a construção de uma perspectiva de conhecimento mais voltado para a descolonização e igualdade dos saberes. Neste sentido, o presente trabalho visa descrever o processo de composição da canção “descolonização (Der leone have sept cabeças) ” em que o grupo procurou dialogar, se apropriar e redescrever um fragmento do filme Der leone have sept cabeças (1970) dirigido pelo cineasta baiano Glauber Rocha. Neste filme, gravado no Congo em um momento em que o processo de descolonização ainda se desenvolvia como conflito armado na África Lusófona, Glauber Rocha já desenvolvia críticas ao neocolonialismo advindo da adoção de modelos de desenvolvimento e modos de vida que premiariam uma elite indulgente – a burguesia local – em detrimento do povo. Na canção, os estudantes revisitam e recontextualizam a crítica de Rocha, tomando a palavra como parte do Sul global, mais especificamente como vozes dos países africanos, que problematizam sua relação com o Norte global, o intervencionismo e a máscara humanitária, a exploração com verniz de desenvolvimento, a desvalorização dos modos de vida e práticas locais (vestimentas, organização social, cultural) e o fator racial. Na descrição do processo de composição, incorporamos uma perspectiva civilizacional africana que faz parte da cultura do hip-hop, a cultura do remix, na qual a autoria deixa de fazer sentido ou de ser o fator principal para dar lugar a aproximação ou interação entre comunidade (construção de solidariedade).

Palavras-chave:

Bota a fala. Descolonização. Cultura do Remix. Africar. Hip-Hop.

[1] UNILAB, Instituto de humanidades e letras, Discente, e-mail: eugeniodasilvaevandeco@outlook.com
[2] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, e-mail: marcosclopes@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O botAfala é um projeto de extensão e pesquisa que usa o hip-hop como linguagem para compor uma educação democrática, ou seja, que procure desenvolver uma perspectiva de recontextualização, valorizando os contextos e as práticas de conhecimento locais. Este projeto é desenvolvido no Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sem São Francisco do Conde na Bahia, espaço de grande riqueza cultural que se articula com encruzilhada de neste sentido procurando, com isso, a construção de uma perspectiva de conhecimento mais voltado para a descolonização e igualdade dos saberes. Neste sentido, o presente trabalho visa descrever o processo de composição da canção "descolonização (Der leone have sept cabeças) " em que o grupo procurou dialogar, se apropriar e redescrever um fragmento do filme Der leone have sept cabeças (1970) dirigido pelo cineasta baiano Glauber Rocha. Neste filme, gravado no Congo em um momento em que o processo de descolonização ainda se desenvolvia como conflito armado na África Lusófona, Glauber Rocha já desenvolvia críticas ao neocolonialismo advindo da adoção de modelos de desenvolvimento e modos de vida que premiariam uma elite indulgente – a burguesia local – em detrimento do povo. Na canção, os estudantes revisitam e recontextualizam a crítica de Rocha, tomando a palavra como parte do Sul global, mais especificamente como vozes dos países africanos, que problematizam sua relação com o Norte global, o intervencionismo e a máscara humanitária, a exploração com verniz de desenvolvimento, a desvalorização dos modos de vida e práticas locais (vestimentas, organização social, cultural) e o fator racial. Na descrição do processo de composição, incorporamos uma perspectiva civilizacional africana que faz parte da cultura do hip-hop, a cultura do remix, na qual a autoria deixa de fazer sentido ou de ser o fator principal para dar lugar a aproximação ou interação entre comunidade (construção de solidariedade).

METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa de revisão bibliográfica que segue o procedimento de recontextualização e redescrição de acordo com a perspectiva poética -pragmatista de Richard Rorty (1997), Cornel West e Richard Shusterman (como já aplicadas no livro botAfala: Ocupando a Casa Grande). O projeto se articula como uma pesquisa educacional baseada em artes, ou seja, não separa o conhecimento do processo dialógico de construção e performance artística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bota a fala é o nome de um projeto de extensão - e também de pesquisa -, que usa o hip-hop como ferramenta pedagógica para uma educação mais democrática (LOPES, 2019, p. 51). O projeto surgiu da iniciativa de dois estudantes bissauguinenses, Magnusson da Costa (Magno TWD) e Suleimane Alfa Bá (o S_many) ambos estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Porém, desde o seu regimento até ao momento atual, o BotAfala teve (ao menos) três fazes: a primeira (Janeiro de 2015) com Magno (Magnusson da Costa), S_many (Suleimane Alfa Bá), Lauro (Lauro José Cardoso), Tânia Brasiguis (Tânia Correia Jalo) e Dito Buah Sd (João Dito); (2) a segunda com Magnusson da Costa, Suleimane Alfa Bá, Lauro José Cardoso, Rô Gilberto Gomes Cá, Kadija Turé e Victor Cassamá; (3) a terceira, a patir do segundo semestre de 2017, com Magnussom da Costa, Suleimane Alfa Bá, Lauro José Cardoso, Eugênio da Silva Evandeco, Juciane Aparecida e Patrícia Nzalé (LOPES, 2019, p. 21).

O BotAfala procura dar voz e "debater questões raciais, questionar estereótipos de gênero, pensar as relações entre educação estética e autocriação ética, valorizando os múltiplos letramentos potencializados pelo hip-hop" (LOPES, 2019, p. 57). Neste sentido, das inúmeras composições, a canção "descolonização (Der leone have sept cabeças)" surgiu dessa perspectiva, de questionar estereótipos, dando assim início a uma agenda de descolonização.

Como mostrado nos tópicos acima, a canção foi fruto de uma análise crítica ao filme de Glauber Rocha “Der leone have sept cabeças” (1970). O autor faz uma crítica ao colonialismo e ao imperialismo em África, uma denúncia do neocolonialismo advindo da adoção de modelos de desenvolvimento e modos de vida que premiariam uma elite indulgente – a burguesia local – em detrimento do povo. Durante a canção é notória a recontextualização à crítica de Rocha, tomando a palavra como parte do Sul global, mais especificamente como vozes dos países africanos, que problematizam sua relação com o Norte global, o intervencionismo e a máscara humanitária, a exploração com verniz de desenvolvimento, a desvalorização dos modos de vida e práticas locais (vestimentas, organização social, cultural) e o fator racial.

O olhar crítico ao filme de Glauber Rocha e a consequente composição da canção “descolonização (Der leone have sept cabeças) ” dialogando e redescrevendo um dos fragmentos do filme *Der leone have sept cabeças* (1970), transmitindo ou fazendo passar a ideia principal do autor, levou o grupo a repensar e questionar as nas novas formas de organização social do Sul global e problematizando sua relação com o Norte global que transmite uma continuidade com o sistema colonial europeu revestido dos mesmos interesses (exploração e submissão), mas com formas de atuações diferentes, ou seja, a neocolonização, em que existe uma aproximação com o norte global, porém, não mais aos moldes do período das ocupações. Entendeu-se também que existe uma via de mão dupla nesta relação a partir do momento que se evidencia cada vez mais um enriquecimento da elite nacional desses países, histórico e socialmente oprimidos, em detrimento do povo.

CONCLUSÕES

A composição da canção “descolonização (Der leone have sept cabeças) ”, a partir de um dos fragmentos do filme Der leone have sept cabeças (1970), gerou um resultado artístico que dialoga com os discursos acadêmicos, recontextualiza suas formulações numa formulação que pode alcançar mais pessoas dentro e fora da comunidade acadêmica. A letra de desta canção também abriga diversas vozes, na medida em que cada um dos que cantam escreveram abordam o fenômeno de uma perspectiva distinta. Este aspecto de polifonia, não reduz os múltiplos discursos a uma verdade convergente, mas se coloca criticamente contra a ideia de que os padrões estéticos, religiosos, econômicos e políticos impostos pelos países e grupos hegemônicos, deveriam ser abraçados com gratidão pelos povos que querem se civilizar. No lugar de um “muito obrigado” a canção questiona o pressuposto de convergência e nesse sentido redescreve a multiplicidade que está presente no título e na narrativa do filme de Glauber Rocha.

AGRADECIMENTOS

PIBIC UNILAB/CNPq; professor Doutor Marcos Carvalho Lopes

REFERÊNCIAS

LOPES, Marcos Carvalho. BotAfala: ocupando a casa grande. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. 241p.

RORTY, Richard. “Investigação enquanto recontextualização: uma avaliação antidualista da interpretação”. Objetivismo, relativismo e verdade. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 137-138.

VIANA, Irma. Política, colonização e revolução em O Leão de sete cabeças. In: Dossiê: Diversidad cultural en América Latina. Civitas, Porto Alegre, 2017, p. 324-344.